

Índice

Edgar Jené e o sonho do sonho	11
Contraluz	21
Resposta a um inquérito da Librairie Flinker, Paris	25
Alocução na entrega do Prémio Literário da Cidade Livre e Hanseática de Bremen	27
Diálogo na montanha	31
O Meridiano	37
Carta a Hans Bender	55
Resposta a um inquérito da Librairie Flinker, Paris	57
Resposta a um inquérito da revista <i>Der Spiegel</i>	59
Alocução na Associação de Escritores Hebraicos	61
Posfácio: O mistério do Encontro	63
Bibliografia	71

Edgar Jené e o sonho do sonho¹

(1948)

Espera-se de mim que diga algumas palavras que ouvi no fundo do mar, onde tanta coisa é silenciada e tanta coisa acontece. Abri uma brecha nas obstruções e objecções da realidade e encontrei-me diante do espelho do mar. Tive de esperar um pouco até que ele se estilhaçasse e eu pudesse entrar no grande cristal do mundo interior. Tendo sobre mim a grande estrela inferior dos desconso- lados descobridores, segui Edgar Jené sob os seus quadros.

Mesmo sabendo que tinha uma viagem penosa pela frente, fiquei desorientado quando quis seguir uma das estradas, sozinho e sem guia. Uma das estradas! Eram inúmeras estas estradas e cada uma convidava-me a percorrê-la, cada uma oferecia-me um par de olhos diferentes para observar o espaço belo e selvagem do outro lado, o mais fundo, do ser. Não admira que nesse momento, vendo ainda com os meus velhos olhos obstinados, me tenha posto a fazer comparações para poder escolher. Mas a minha boca estava acima dos meus olhos e era mais audaz, porque muitas vezes tinha falado no sono, tinha-se-me antecipado e gritou-me o seu sarcasmo: “Meu velho merceeiro das identidades! O que é que viste e conheceste, pertinaz doutor da tautologia? Diz lá, o que é que

¹ O texto foi escrito para o catálogo de uma exposição do pintor Edgar Jené (*Der Traum vom Traume*. Com 30 reproduções e uma nota prévia de Otto Basil. Viena: Agathon 1948). Reimpressão na revista *Die Pestsäule* (Viena), Vol. 1 (1972-73), n.º 1, pp. 22-25.

conheceste à beira dessa nova estrada? Uma também-árvore ou uma quase-árvore, não é? E agora vais buscar todo o teu latim para escreveres uma carta ao velho Lineu? Vai antes buscar um par de olhos ao fundo da tua alma e põe-nos ao peito — e então saberás o que aqui se dá a ver.”

Ora, acontece que eu sou alguém que ama as palavras singelas. Na verdade, antes de iniciar esta viagem, tinha compreendido que só havia maldade e falsidade nesse mundo que eu tinha abandonado. Mas acreditava que, se chamasse as coisas pelo seu nome, conseguiria abalar os seus alicerces. Sabia que tal empresa pressupunha o regresso a uma ingenuidade incondicional. Eu via esta ingenuidade como uma visão, original e purificada, da escória de séculos de velhas mentiras sobre este mundo. Ocorre-me aqui uma conversa com um amigo, que surgiu a partir do ensaio de Kleist *Sobre o Teatro de Marionetas*². Como poderia, porém, ser recuperada essa graça original cuja existência serve de título ao último, e por isso também inultrapassável, capítulo da História da humanidade? O meu amigo interpretava-o assim: por meio de uma purificação racional da nossa vida psíquica inconsciente, podíamos reconquistar essa originalidade que foi a do princípio, e que também no fim poderia dar sentido a esta vida e torná-la digna de ser vivida. Nesta perspectiva, princípio e fim coincidiam, e qualquer coisa como o luto pelo primeiro pecado original ganhou voz. Era preciso derrubar o muro que separa o hoje do amanhã, e o amanhã tornar-se-ia novamente no ontem. Deveria dominar a razão, ser restituído às palavras, e por conseguinte às coisas, às criaturas e aos acontecimentos, o seu sentido verdadeiro, lavando-as com a água régia da razão. Uma árvore deveria tornar-se novamente árvore e o seu ramo, do qual em centenas de guerras se penduraram rebeldes, num ramo florido, quando fosse primavera.

Revelava-se aqui a primeira das minhas objecções. Na verdade, ela mais não era do que a constatação de que o acontecido era

2 O ensaio de Kleist tem tradução portuguesa em *Sobre o Teatro de Marionetas e Outros Escritos*. Trad. de José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2009.

mais do que um acrescento ao que já é, mais do que um atributo mais ou menos dificilmente eliminável da substância das coisas; era, sim, alguma coisa que mudava na sua essência esta substância, um forte precursor de uma permanente transformação.

O meu amigo insistia. Mesmo na torrente da evolução humana, afirmou, era capaz de distinguir a constante da vida psíquica, de identificar os limites do inconsciente, e tudo se resolveria quando a razão descesse às profundezas e trouxesse à superfície a água do poço escuro. Também este poço tinha o seu fundo, que era alcançável; e se à superfície estivesse tudo bem preparado para receber as águas das profundezas e brilhasse o sol da justiça, já muito do trabalho estaria feito. Mas como é que poderemos chegar a esse ponto, se tu e outros como tu nunca abandonam as profundezas e estão sempre em diálogo com as fontes obscuras?

Compreendi que se tratava de uma censura dirigida à minha profissão de fé numa posição que, por identificar o mundo e as suas instituições como uma prisão para o homem e o seu espírito, tudo queria fazer para derrubar os muros dessa prisão. Mas ao mesmo tempo também compreendi qual o caminho que essa constatação me prescrevia. Tornou-se claro para mim que o homem não só padecia agrilhado à vida exterior, como também se encontrava amordaçado e impossibilitado de falar — e ao dizer “falar” estou a reportar-me, desta forma, a toda a esfera dos meios de expressão humana —, porque as suas palavras (gestos e movimentos) gemiam sob o peso milenário de uma honestidade fingida e deformada — e haveria algo de mais desonesto do que afirmar que, no fundo, tais palavras, de algum modo, ainda eram as mesmas? E, por conseguinte, tive também de reconhecer que àquilo que, no mais fundo da sua interioridade, desde tempos imemoriais, tentava encontrar a sua expressão, se tinha vindo juntar também a cinza de significados extintos, e não apenas esta!

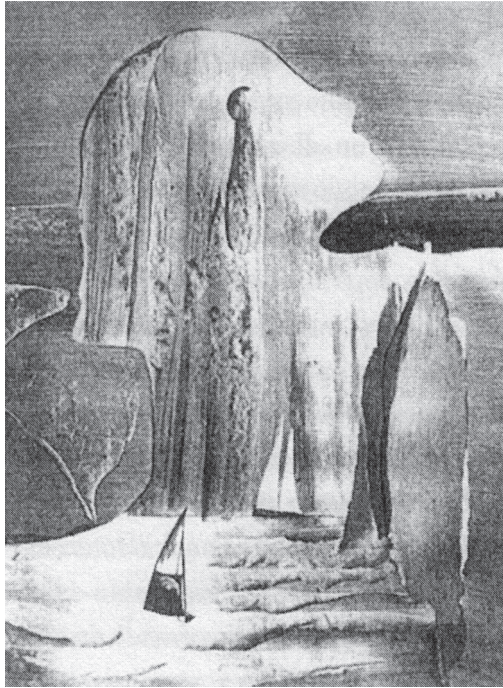
Como poderia agora surgir o novo, que o mesmo é dizer, o puro? Das mais remotas regiões do espírito poderão vir palavras e figuras, imagens e gestos oniricamente velados e oniricamente desvelados, e quando se encontrarem uns com os outros no seu

curso alucinante e nascer a centelha do maravilhoso, no momento em que o espanto se unir à extrema estranheza, eu olharei nos olhos a nova claridade. Ela olha-me de um modo estranho, pois, embora eu a tenha conjurado, ela vive do lado de lá das imagens do meu pensamento desperto, a sua luz não é a luz do dia e ela é habitada por figuras que não *reconheço*, antes *conheço* numa visão primeira. O seu peso possui uma gravidade diferente, a sua cor fala para um novo par de olhos com os quais as minhas pálpebras fechadas se presentearam uma à outra, o meu ouvido transferiu-se para o meu tacto, onde aprende a ver; o meu coração, agora que habita a minha fronte, experimenta as leis de um movimento novo, incessante e livre. Sigo os meus sentidos errantes para o novo mundo do espírito e vivo a liberdade. Aqui, onde sou livre, reconheço também como fui cruelmente enganado do outro lado.

Ora, durante uma última pausa mental, escutei-me a mim próprio antes de me ter aventurado na viagem pelo fundo do mar e seguido Edgar Jené sob os seus quadros.

“Uma vela abandona um olho”.³ Uma única vela? Não, eu vejo duas. Mas a primeira, que tem ainda a cor do olho, não poderá avançar, eu sei, ela retrocede. Parece ser muito difícil este retrocesso: como uma cascata íngreme, caía a água deste olho, mas aqui em baixo (lá em cima), a água corre também para a montanha, a vela escala ainda a encosta íngreme deste perfil branco que mais não possui do que este olho sem menina-do-olho, e que, por não possuir mais nada a não ser precisamente isto, pode mais e sabe mais do que nós. Pois este perfil de uma mulher cujo cabelo um pouco mais azul do que a sua boca que olha para cima (num espelho, para nós invisível, em posição oblíqua sobre ela, esta boca reconhece-se a si própria, examina a sua expressão e considera-a certa) — este perfil é uma barreira de

3 O texto comenta, a partir daqui, quatro quadros, com os títulos: “Uma vela abandona um olho”, “Filho da aurora boreal”, “O mar vermelho atravessa a terra” e “Vamos jurar no sono”. Os quadros vão reproduzidos nas páginas seguintes, para facilitar a compreensão do ensaio, que sem essa visualização se torna ainda mais hermético.



escolhos, um monumento de gelo nos acessos do mar interior que também é um mar de lágrimas ondulantes. Como será o outro lado deste rosto? Cinzento, como aquela terra que ainda avistamos? Mas voltemos... às nossas velas. A primeira regressará à caverna vazia dos olhos, que vê de forma estranha. Talvez também prossiga a sua viagem, na direcção inversa, para o olho que do outro lado se fixa no cinzento... E assim este barco se transforma em mensageiro, mas a sua mensagem não promete muito. E o segundo barco, cuja vela leva um olho incandescente, a menina-do-olho flamejante no campo negro da certeza? Nós embarcamos dormindo. Assim vemos o que fica por sonhar.

*

Quantos são os que sabem ser infinito o número dos seres criados? Que o criador de todos eles é o homem? É lícito começar já



a contá-los? Existem já, sem dúvida, aqueles que sabem ser possível oferecer uma flor a uma pessoa. Mas quantos sabem também que se pode oferecer uma pessoa a um cravo? E qual destas coisas consideram mais importante? Mais do que um ficará incrédulo se lhe falarem do filho da aurora boreal.

Incrédulos ainda hoje, quando afinal há tanto tempo já os cabelos de Berenice pendem sob as estrelas. Mas a aurora boreal tem agora um filho, e Edgar Jené foi o primeiro a vê-lo. Ele passa, gigantesco, lá onde o homem está gelado e preso nas florestas cobertas de neve do seu desespero. As árvores não lhe são obstáculo, passa por cima delas, envolve-as também no seu largo manto, faz delas os seus companheiros, com ele chegarão também às portas da cidade onde se espera o grande irmão. Que é ele aquele por quem se espera, isso vê-se nos seus olhos — eles viram o que todos viram, e mais.